

ANÁLISE DO IMPACTO DO ROMPIMENTO DO ACORDO INTERNACIONAL DO CAFÉ SOBRE O BRASIL E A COLÔMBIA¹

IRMA BAQUERO HAEBERLIN², ERLY CARDOSO TEIXEIRA³
e MARIA HELIA LEÓN KAM-CHINGS⁴

RESUMO - Esse trabalho examina a hipótese de que o café brasileiro e o café colombiano são produtos diferenciados, apresentando elasticidades-preço, preço-cruzada e renda da demanda distintas. Estima-se a demanda de importação para o café brasileiro e para o café colombiano para os 14 principais países importadores. Regressão de cumeieira é o método de estimação empregado. O café brasileiro tem elasticidade-preço e elasticidade-renda da demanda menores que a do café colombiano, o que significaria maior perda de receita cambial pelo Brasil do que pela Colômbia com a interrupção do AIC. Este resultado, entretanto, é amortecido pela característica de bem complementar do café colombiano em relação ao brasileiro, enquanto para o café colombiano o café brasileiro é às vezes complementar e às vezes substituto. Contudo, as duas demandas são inelásticas, logo os dois países perdem receita cambial com o fim do AIC.

Termos para indexação: demanda de café do Brasil, demanda de café da Colômbia.

ANALYSIS OF IMPACT DUE TO INTERRUPTION OF THE INTERNATIONAL COFFEE AGREEMENT ON BRAZIL AND COLOMBIA

ABSTRACT - This work examines the hypothesis that the Brazilian and the Colombian coffee are differentiated products with their own price, cross price, and income demand elasticity. Import demand is estimated for both kinds of coffee for fourteen import countries. Ridge Reg estimation procedure is applied. Demand price and income elasticity for the Brazilian coffee are lower than that for the Colombian coffee. This could result in much higher foreign exchange loss for Brazil relative to Colombia due to failure of the International Coffee Agreement. However, this impact is smaller, since the Colombian coffee is complement to the Brazilian coffee, which is complement or substitute to the Colombian coffee. However, both import demands are inelastic as Brazil and Colombia loose foreign exchange when the International Coffee Agreement fades out.

Index terms: coffee import demand, Brazil, Colombia.

INTRODUÇÃO

O Acordo Internacional do Café (AIC) foi suspenso em julho de 1989, após 27 anos de atividade. O café é um dos mais importantes produtos no comércio internacional agrícola. É cultivado, quase exclusivamente, em países

¹ Recebido em 16.06.92.

Aceito para publicação em 15.03.93.

Os autores agradecem ao prof. João Eustáquio de Lima pelos comentários e sugestões.

² M.A., Assessora da Gerência Geral, Instituto Colombiano Agropecuário, ICA. Estudante do Programa de Doutorado do Departamento de Economia Rural da UFV. 36570, Viçosa, MG.

³ Ph.D., Professor titular, DER-UFV, 36570, Viçosa, MG.

⁴ Profa. da Universidade do Amazonas e doutoranda no DER da UFV.

subdesenvolvidos, muitos dos quais dependem fortemente de sua exportação para obtenção de divisas.

Em 1962 foi firmado o primeiro Acordo Internacional do Café (AIC), em que participaram 47 países exportadores e 24 países consumidores (Delfim Netto, 1981). O acordo funcionava através de cotas de exportação para os países produtores, as quais se ajustavam sempre que o preço saía da faixa de preços máximos e mínimos acordados previamente (preço composto da Organização Internacional do Café – OIC).

Como era de se prever, no curto prazo, a suspensão do AIC levou a uma guerra de preços, tendo como resultado uma queda nos preços de mais de 50%. Porém, espera-se uma reacomodação do mercado no longo prazo (Cardenas, 1989).

O objetivo deste artigo é analisar a demanda do café do Brasil e da Colômbia com vistas a revisar o desempenho das exportações do café destes países no longo prazo frente à suspensão do Acordo Internacional do Café (AIC). Examinam-se, portanto, os aspectos da demanda do café nos principais países importadores, diferenciando-se o café do Brasil e o da Colômbia.

Faz-se a hipótese de que o efeito de longo prazo da suspensão do AIC dependerá da elasticidade-preço da demanda do café de cada um desses dois países. Assim, o país que enfrentar uma demanda mais elástica, será menos afetado na sua receita de exportações, enquanto o país com demanda mais inelástica terá maiores perdas de receita.

A principal inovação deste trabalho consiste em considerar o café brasileiro e colombiano como produtos diferentes. Isto introduz na análise possíveis diferenças na elasticidade-preço, elasticidade-cruzada e elasticidade-renda, que em conjunto explicam os diferentes comportamentos da demanda nos países importadores. A suposição de que se trata de bens distintos se baseia nas diferenças nos preços do mercado internacional. Os principais países consumidores têm tendências de consumo distintas.

A priori, não se pode afirmar qual país enfrenta uma demanda mais elástica. Sabe-se que a demanda por café é preço-inelástica (Akiyama, 1989; Ali-mandro, 1989; Cardenas, 1989; Daviron, 1988; Finageiv, 1976; Delfim Netto, 1981; Pizano, 1981). Por sua vez, pode-se hipotetizar que a elasticidade-renda da demanda do café colombiano é maior do que a do café brasileiro. Porém, até o momento, não se conhece nenhum estudo que tenha determinado as elasticidades-preço cruzadas da demanda dos dois tipos de café.

CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO DE CAFÉ NO BRASIL E NA COLÔMBIA

Tipos de café

O café comercializado mundialmente divide-se em duas classes principais: Arábica e Robusta; este último, produzido principalmente pelos países africanos, é considerado de pior qualidade. O arábica se divide por sua vez em arábicos despulpados e não-despulpados. O Brasil é o principal produtor mundial deste último.

Os arábicos despulpados subdividem-se em “suaves colombianos” e “outros suaves”. A Colômbia é o maior produtor do primeiro tipo de café, enquanto a produção de outros suaves concentra-se na América Central.

Consideram-se os cafés suaves de melhor qualidade porque alcançam maior preço no mercado internacional. O café robusta é considerado de qualidade inferior e obtém um preço substancialmente mais baixo. Não obstante, com a popularização do café instantâneo durante a década passada e devido à ocorrência de mudança de gostos e inovações tecnológicas, a demanda de café robusta mostra uma forte tendência a aumentar.

A mudança de gostos leva à utilização de maior percentagem dos robustas nos “blends” de matéria-prima para fabricação tanto de cafés solúveis como de cafés torrados e moídos. Por sua vez, as inovações tecnológicas atuam no sentido de possibilitar o uso de aditivos, aumentar a taxa de extração e criar produtos novos (como o spray-aglomerado, que substitui o liofilizado) e, portanto, também agem em favor dos robustas, que são os cafés de menor preço.

O consumo de café importado concentra-se nos Estados Unidos, na Comunidade Econômica Européia, nos países escandinavos e no Japão. Em 1979/80 as porcentagens de importação foram de 33%, Estados Unidos; 42%, CEE; 6%, países escandinavos; e 5%, Japão (Graaff, 1986). O mercado norte-americano mostra uma tendência decrescente do consumo per capita, causado pela competição dos refrigerantes e outras bebidas que precisam de menos elaboração. O mercado europeu é mais estável e mostra uma preferência pelas bebidas de melhor qualidade. O mercado escandinavo caracteriza-se por ter o maior consumo per capita do mundo, o que permite supor uma tendência precária de crescimento. Os mercados mais dinâmicos são os asiáticos e os da Europa Oriental.

Uma característica interessante do consumo do café é a fidelidade que mostram os consumidores aos diferentes tipos de café e às misturas dos mesmos. Os Estados Unidos têm alta preferência por café instantâneo e misturas

com alto conteúdo de café robusta e não-despolpados. Isto é similar em outros países anglo-saxões.

As preferências são também diferentes na Europa. Os países com passado colonialista africano preferem as misturas com alto conteúdo de robustas (França, Portugal, Bélgica e Holanda). Os países escandinavos, assim como a Itália, preferem misturas fortes com alto conteúdo de arábicos não-despolpados. Finalmente, a Alemanha é o principal consumidor de cafés suaves (Graaff, 1986). De outro lado, evidencia-se uma tendência de aumento da demanda de cafés suaves.

Outro ponto importante a enfatizar são os fortes impostos e restrições à importação de café nos países europeus e no Japão, especialmente para aqueles exportadores que não são ex-colônias (Delfim Netto, 1981; Pizano, 1981). A presença de barreiras alfandegárias e não-tarifárias prejudicam tanto o Brasil como a Colômbia.

Sistemas de produção

O café, no Brasil, é produzido principalmente nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, São Paulo e Bahia. As condições climáticas destas áreas não podem ser consideradas ótimas, especialmente o Paraná e São Paulo, regiões subtropicais, sujeitas a geadas ou a fortes secas. As regiões de melhores condições climáticas e de solos são também as que têm maior quantidade de produtos competitivos como a soja, o algodão, o fumo, as pastagens e a cana-de-açúcar. Nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo o café arábico é cultivado acima dos 600 m de altitude, em terrenos inclinados, mas com condições climáticas favoráveis.

Ao contrário, na Colômbia, a produção do café localiza-se na faixa dos 900 a 1.400 m de altitude, em condições ótimas de temperatura e chuvas. Os solos são de alta fertilidade, porém o terreno é muito inclinado e altamente susceptível à erosão. Nestas condições é quase impossível a mecanização das lavouras e são poucas as culturas que podem substituir o café.

Ambos os países devem o seu crescimento econômico e sua industrialização ao café. A colonização brasileira, especialmente a de São Paulo, foi feita por grandes proprietários que utilizavam, principalmente, mão-de-obra assalariada. Na Colômbia, o processo denominado "colonização antioquina" caracterizou-se por pequenos proprietários que utilizavam, basicamente, mão-de-obra familiar. No Brasil, ao contrário da Colômbia, o tamanho das propriedades tem diminuído de tal maneira que as diferenças em tamanho são pouco re-

levantes. Porém, como se pode observar na Tabela 1, as diferenças na produção por tamanho não são tão definidas na Colômbia.

TABELA 1. Distribuição da propriedade cafeeira no Brasil e na Colômbia, 1974.

Brasil (São Paulo)			Colômbia		
Tamanho (ha)	% Fazenda	% Produção	Tamanho (ha)	% Fazenda	% Produção
3-30	52	26	menos de 1	2	2
			1-4	12	11
			4-8	12	12
			8-20	23	23
30-100	31	27	20-100	36	36
100-300	11	22	mais de 100	15	16
mais de 300	6	25			

Fonte: Graaff (1986).

O sistema de produção no Brasil é extensivo e mais mecanizado que o colombiano, sendo que este último necessita de maiores investimentos em melhorias de beneficiamento do café. Os custos comparativos são apresentados na Tabela 2. Os custos de produção por quilograma de café são substancialmente maiores na Colômbia do que no Brasil. Isto, de fato, implica menor capacidade da Colômbia de enfrentar a queda nos preços resultante da suspensão do AIC. Com efeito, em 20 de outubro de 1989, a Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia estava subsidiando US\$ 0,13 por libra-peso exportada (Junguito, 1989). Assim, os custos de produção já foram superiores ao preço internacional.

Importância econômica

O Brasil tem conseguido, com êxito, diminuir a sua dependência comercial do café. No total, cultivam-se 3.200.000 hectares de café, que representam 4% da área cultivada do País. Em 1981 trabalhavam na cultura do café cerca de um milhão de pessoas, que equivaliam a 5% da força de trabalho agrícola e a

2% do emprego total. O café representava 1% do PIB e 10% das exportações (Graaff, 1986).

TABELA 2. Custos de produção de café verde no Brasil e na Colômbia, 1982.

Despesa		Brasil	Colômbia
Mão-de-obra	dias-homem	75	150
Salário	US\$	3,0	4,0
Valor	US\$	225	600
Insumos	US\$	220	200
Investimento	US\$	280	520
Total	US\$	725	1.320
Rendimento	kg/ha	600	800
Custo por kg	US\$/kg	1,20	1,70
Custo por libra	US\$ cts/lb	54,48	77,18

Fonte: Graaff (1986).

Esta situação contrasta com a da Colômbia, que depende do café não só para a sua obtenção de divisas, como também em todos os níveis econômicos, incluindo os de tipo macroeconômico. Neste país cultivam-se ao redor de 1.000.000 hectares de café, que representam 18% da área cultivada. Com o café estão vinculados 700.000 trabalhadores rurais, o equivalente a 17% dos trabalhadores agrícolas e 5% da força de trabalho total. O café representava, em 1981, 51% das exportações colombianas e gerava 7% do PIB (Graaff, 1986).

METODOLOGIA

Modelo conceitual

O efeito da suspensão do Acordo Internacional do Café sobre os dois principais países exportadores depende da elasticidade da demanda. Ela, segundo os diferentes estudos feitos, é baixa; assim, os dois países perderiam receita ao suspender-se o Acordo.

Estudo da FAO (1985) estimou uma elasticidade-preço, no varejo, de -0,5 em países produtores e uma elasticidade-preço de importação de -0,1 na América do Norte, -0,3 em outros países desenvolvidos e -0,5 em países em

desenvolvimento. Tamaki & Larson (1982) estimaram a elasticidade-preço da demanda interna do café em pó para a Suíça (-0,585), Canadá (-0,391), Japão (-0,81), Finlândia (-0,094), Reino Unido (-0,635) e República Federal da Alemanha (-0,805).

A maioria dos estudos tem considerado o café colombiano e o brasileiro como substitutos perfeitos; isto é, como um só bem. Como já se mostrou, existem diferenças substanciais entre os dois tipos de café, as quais se refletem na qualidade, nos preços e na preferência dos países consumidores. Assim, a hipótese principal deste trabalho é a de que os dois países defrontam demandas de café diferenciadas, sendo possível constatar efeitos diferentes, devido à suspensão do Acordo, no que se refere à receita global de exportação de café.

Quando se aceita a hipótese de que são bens diferentes, tem-se que não só é relevante a elasticidade-preço, como também são importantes as elasticidades cruzadas e a elasticidade-renda. Por outro lado, quando se entende a lealdade às misturas específicas, pode-se chegar a encontrar que os dois tipos de café podem ser tanto complementares como substitutos.

Para examinar a hipótese, estimaram-se as demandas de importação de 14 dos principais países importadores de café e estimaram-se a elasticidade-preço, a elasticidade cruzada e a elasticidade-renda da demanda, tanto do café colombiano como do café brasileiro.

Assumiu-se que a curva de demanda de importação de café e ajustava-se a uma função do tipo log-log:

$$QB_1 = A PB^{b1} PC_1^{b2} PNB_1^{b3} POB_1^{b4} 10^{b5D1} 10^{b6D2} 10^{b7D3}$$

$$QC_1 = C PB^{d1} PC_1^{d2} PNB_1^{d3} POB_1^{d4} 10^{d5D1} 10^{d7D2} 10^{d7D3}$$

onde:

QB_1 = quantidade de café brasileiro importado pelo país i, em 1.000 t.

QC_1 = quantidade de café colombiano importado pelo país i, em 1.000 t.

PB = Preço do café brasileiro Santos 4 em Nova Iorque (preço indicativo da OIC), em centavos de dólar/libra-peso.

PC = preço do café colombiano Mam em Nova Iorque (preço indicativo da OIC), em centavos de dólar/libra-peso.

PNB_1 = Produto Nacional Bruto do país i, em milhões de dólares.

POB_1 = população do país i, em milhões de habitantes.

D1, D2, D3 = variáveis “dummies” que representam os ciclos de preço de café e que abrangem 25 anos, de pico a pico. Identificaram-se quatro ciclos de preço do café, os quais, para efeitos desta variável, foram iniciados com o preço mais alto de cada ciclo. A hipótese é que cada ciclo tem mudado o intercepto da curva de demanda.

A estimação das elasticidades-preço cruzadas da oferta e da demanda geralmente enfrenta o problema de multicolinearidade nos dados. O uso de Mínimos Quadrados Ordinários produz estimadores não viesados, porém suas variâncias são muito altas. Assim, os sinais dos estimadores podem variar como consequência de mudanças pequenas no tamanho da amostra. Também é freqüente que os estimadores dos coeficientes tenham o sinal “errado”.

Os processos mais usados para corrigir problemas de multicolinearidade são os de eliminar ou combinar as variáveis, o que não é aceitável para a comprovação da hipótese do presente trabalho.

Optou-se pela técnica de Regressão de Cumeeira, por meio da qual se adiciona uma constante (k) à diagonal principal da matriz de correlação simples. Assim, introduz-se um viés pequeno e conhecido e ganha-se em estabilidade dos coeficientes estimados, mas os testes “t” não têm maior significância. Ao adicionar uma constante, aumenta-se a ortogonalidade da matriz, assim como dos valores próprios ou “eigenvalues” (Yamaguchi, 1982).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Resultados

Tomou-se como indicador da presença de multicolinearidade a correlação simples entre o logaritmo do preço do café brasileiro e do café colombiano, que foi de 0,99, e a presença freqüente de correlações simples superiores a 0,75 entre os preços e o PNB. Por outro lado, constatou-se que, quando o teste de F era suficientemente alto, para que a regressão fosse estatisticamente significativa, poucos ou nenhum dos coeficientes estimados foram estatisticamente diferentes de zero.

Os resultados das estimativas demonstraram que das 28 equações estimadas, onze não foram utilizadas na análise; duas por apresentar R^2 muito baixo: as da demanda de café colombiano pela Finlândia e pelos Estados Unidos. As outras nove apresentaram elasticidades-preço da demanda positivas: seis para a demanda de importação de café colombiano e três para a demanda de importação do café brasileiro. A ausência destas equações impossibilita fazer estimações agregadas. Particularmente grave é a falta das elasticidades-preço e

preço cruzadas da demanda de café colombiano para os Estados Unidos, dado que a Colômbia exportou para este país 27% de suas exportações em 1977/81 e 18% em 1981/82.

As elasticidades-preço, preço cruzada e renda da demanda são apresentadas nas Tabelas 3 e 4.

TABELA 3. Elasticidades-preço direta, preço cruzada e renda da demanda de importação de café brasileiro¹.

País	Valor de k	E_{PB}	E_{PC}	E_{PNB}
Alemanha	0,0616	-0,188	-0,052	-0,897
Áustria	0,1000	-0,096	-0,248	0,582
Bélgica	0,1000	-0,133	-0,355	0,297
Dinamarca	0,3000	-0,105	-0,120	-0,014
Finlândia	0,0713	-0,075	-0,114	-0,320
Estados Unidos	0,1000	-0,131	-0,272	-0,243
França	0,1000	-0,137	-0,269	0,455
Holanda	0,1000	-0,212	-0,514	0,671
Itália	0,0264	-0,201	-0,308	0,942
Reino Unido	0,2000	-0,284	-0,733	1,833
Suécia	0,0137	-0,187	-0,211	1,084

Onde k = constante adicionada à matriz de correlações simples, E_{PB} = elasticidade-preço da demanda, E_{PC} = elasticidade-preço cruzada da demanda e E_{PNB} = elasticidade-renda.

¹ Não se apresentam os valores de t, dado que os estimadores são viesados.

As elasticidades-preço diretas são mais altas para o café colombiano na Áustria, Dinamarca e Suíça, porém, nenhuma das curvas pode ser classificada como elástica. As elasticidades-preço da demanda são geralmente mais baixas para o café brasileiro. Note-se que a elasticidade-preço para o café brasileiro no Reino Unido é mais alta que para o café colombiano.

Isto significa que o Brasil terá uma perda maior de divisas que a Colômbia devido aos preços internacionais mais baixos provocados pela suspensão do AIC. Já a elevação no preço do café, provocada pela renovação do AIC ou por outro qualquer mecanismo eventualmente disponível, seria melhor apropriada pelo Brasil do que pela Colômbia.

Um resultado surpreendente é que para a demanda do café brasileiro, o café colombiano comporta-se como um bem complementar e não substituto,

como era de se esperar. Isto implica ser o café brasileiro demandado em misturas e não puro. Em relação à suspensão do Acordo, isto significa que a queda no preço do café colombiano aumentará a quantidade demandada de café brasileiro.

TABELA 4. Elasticidade-preço direta, preço cruzada e renda da demanda de importação de café colombiano¹.

País	Valor de k	E_{PB}	E_{PC}	E_{PNB}
Alemanha	0,0061	-0,243	0,046	0,275
Áustria	0,0042	-0,988	0,476	0,959
Dinamarca	0,0082	-0,368	0,075	1,210
Itália	0,0209	-0,247	-0,224	1,050
Noruega	0,0144	-0,156	-0,124	2,852
Reino Unido	0,0830	-0,268	-0,156	-0,757
Suécia	0,1640	-0,317	0,137	2,459

Onde k = constante adicionada à matriz de correlações simples, E_{PC} = elasticidade-preço, E_{PB} = elasticidade cruzada e E_{PNB} = elasticidade-renda.

¹ Não se apresentam os valores de t, dado que os estimadores são viesados.

No entanto, para a demanda do café colombiano, o café brasileiro comporta-se como substituto para os países analisados, com três exceções: Itália, Noruega e Reino Unido. Como visto anteriormente, estes países têm uma clara preferência por misturas de café arábico não-despolpado e robustas. Nesses países se demandaria o café colombiano para misturas com baixo conteúdo do mesmo. Pelo contrário, Alemanha, Áustria, Dinamarca e Suíça preferem o café colombiano puro. É para estes países que se têm dirigido os esforços da propaganda da Federação dos Cafeicultores da Colômbia, esforços que buscam identificar o café colombiano como o melhor café do mundo.

Isto significa que as exportações colombianas de café dependem não só do preço do café colombiano, como também do preço do café brasileiro, especificamente do diferencial. Assim, a Colômbia prejudica-se com a queda nos preços do café brasileiro, ao contrário do que ocorre com o Brasil, em que a queda no preço do café colombiano é benéfica, pois aumenta a demanda do café brasileiro. Assim, a queda nos preços do café brasileiro provoca queda na quantidade demandada de café colombiano em alguns países, entre os quais está a Alemanha, o principal importador de café colombiano.

O fato de o café brasileiro ser substituído para o café colombiano na Alemanha, Áustria, Dinamarca e Suíça, junto com a queda simultânea dos preços, faz com que a quantidade demandada de café colombiano não aumente tanto como era de se esperar, pela mais elevada elasticidade-preço da demanda.

A demanda do café colombiano é inelástica, porém menos do que a do café brasileiro. O efeito líquido da queda no preço do café brasileiro não pode ser determinado pela ausência das elasticidades correspondentes de alguns países importadores. Tomando-se em conta a Alemanha, o principal importador de café colombiano, com elasticidade-preço cruzada positiva, a curva de demanda se deslocaria para a esquerda, diminuindo a receita global.

A elasticidade-renda do café brasileiro, negativa para alguns países (Dinamarca, Alemanha, Estados Unidos e Finlândia), oferece indicação de que o café brasileiro é visto, nestes países, como de pior qualidade que o café colombiano. Nessas circunstâncias, o Brasil necessita ampliar seu esforço de divulgação do café em todos os países importadores, principalmente naqueles com elasticidade-renda da demanda negativa, para reverter o conceito de bem inferior do café nacional. Pareceria que a elasticidade-renda é globalmente superior para a Colômbia, porém a falta da equação de demanda de café colombiano pelos Estados Unidos impede fazer esta afirmação.

É interessante notar que a elasticidade-renda é maior para o café colombiano que para o café brasileiro na Alemanha, Áustria e Dinamarca, os mesmos países que apresentaram elasticidade-preço cruzada de demanda positiva com o preço do café brasileiro. Assim, o efeito da propaganda colombiana seria duplo: identificaria o café colombiano como superior ao café brasileiro e incentivaria à substituição do café brasileiro pelo café colombiano.

Principais conseqüências da suspensão do AIC

A suspensão do Acordo levou a uma guerra de preços, na qual vários países exportadores, especialmente Brasil e Colômbia, buscavam compensar, com a venda dos estoques acumulados, a queda nos preços do produto. Porém, não foi possível vender tanto quanto se desejava, dado que a demanda de café é inelástica.

O resultado foi uma queda vertiginosa dos preços, que baixaram de US\$ 145 cts/lb (outros suaves, Nova Iorque) em abril de 1989 para US\$ 95 cts/lb em julho/89 e para cerca de US\$ 68 cts/lb em outubro/89 (Akiyama & Varangis, 1989).

A reação dos governos colombiano e brasileiro tem sido a de diminuir os impostos às exportações do café (Akiyama & Varangis, 1989). Na Colômbia,

onde se têm custos de produção superiores, tem havido subsídio à exportação do café. Por exemplo, em outubro de 1989, o preço FOB foi de US\$ 64 cts/lb, enquanto o preço interno estava em US\$ 77 cts/lb, o que equivale a um subsídio de US\$ 13 cts/lb. (Junguito, 1989). Este subsídio foi feito pela Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia com recursos do Fundo Nacional do Café. Assim, é possível que estes fundos se esgotem e o preço ao produtor diminua sensivelmente.

De outra parte, a Colômbia tem acelerado a taxa de desvalorização do peso e tem dado apoio diplomático às negociações do Acordo. Porém, não tem oferecido apoio financeiro ao Fundo Nacional do Café.

A reação do governo brasileiro tem sido também a de diminuição dos impostos de exportação (Akiyama & Varandis, 1989). Porém, não mostra decisão nas novas negociações do Acordo e acabou com o Instituto Brasileiro do Café – IBC, como parte de sua política de estabilização.

CONCLUSÕES

As elasticidades-preço da demanda de importação do café colombiano e brasileiro são baixas, o que implica que tanto o Brasil como a Colômbia estão sendo negativamente afetados pela suspensão do Acordo. Para ambos os países diminuirá a receita global de exportações de café.

A exclusão de alguns países pelas dificuldades em estimar suas equações de demanda impede fazer uma análise ponderada da demanda global e impossibilita calcular as elasticidades globais.

A hipótese de que o café colombiano e o café brasileiro são produtos diferentes se confirma, ao se encontrar para a demanda do café brasileiro que o café colombiano comporta-se como um bem complementar. Desta maneira, o Brasil beneficia-se quando o preço do café colombiano diminui.

A Colômbia tem uma situação diferente; em alguns países (Alemanha, Áustria e Suíça), quando o preço do café brasileiro cai, diminui a demanda de café colombiano. Nestes países os dois tipos de café comporta-se como substitutos. Em outros países acontece o contrário e os dois tipos de café são complementares. O efeito líquido parece ser prejudicial para a economia colombiana.

Os resultados, ainda parciais, mostram para o Brasil uma demanda muito inelástica. Baseado nestes resultados, é importante para o Brasil revisar a sua posição frente ao AIC, avaliando cuidadosamente o possível ganho na parcela de mercado frente à diminuição atual da receita global.

Além disso, o impacto da política de propaganda colombiana mostra a importância destas atividades no âmbito mundial. Assim, parece bom para o Brasil desenvolver uma política publicitária agressiva.

Para a Colômbia, os resultados não são tão enfáticos com relação às elasticidades globais. Mesmo assim, os resultados mostram que se deve ter uma política de diferenciação segundo os países importadores. Além disso, seria importante mudar a política de propaganda nestes momentos, enfatizando as misturas. Finalmente, é óbvio que a Colômbia deve continuar com os seus esforços de reativar o Acordo Internacional do Café.

Dado que as elasticidades dos dois tipos de café são diferentes, a utilização de estimativas globais pode conduzir a resultados viesados, que não se identificam com a realidade.

REFERÊNCIAS

- AKIYAMA, T. & VARANGIS, P. Prospects for the world coffee market. *The World Bank Staff Paper*. Washington, D.C., 1989. 31p.
- ALIMANDRO, R. Antecipando as conseqüências do livre mercado. *Conjuntura Econômica*, v.43, n.9, p.109-114, set. 1989.
- ARRUDA, M. de L. do C. & T. de F.C.F. Análise comparativa da evolução histórica das produção e preços de café: 1851-1989. *Agricultura em São Paulo*. Boletim Técnico do Instituto de Economia Agrícola, vol. 36 Tomo 2, p.17-34, 1989.
- CARDENAS, J. El futuro del mercado internacional del café y su efecto sobre la economía cafetera colombiana. Intervención presentada en el Debate sobre Coyuntura económica No. 15, Bogotá, octubre de 1989.
- CARDENAS, J. Algunos aspectos de la nueva coyuntura cafetera. Intervención presentada en el Programa para Presidentes de Empresas. Universidad de los Andes. Bogotá, agosto de 1989.
- CARVALHO F. & JULIANO, J. de. Política Cafeeira do Brasil – Seus instrumentos: 1961-1971. São Paulo, USP/IPE, 1976. 118p.
- DAVIRON, B.& LERIN, F. O Brasil e a dinâmica do oligopólio brasileiro. FASE. Rio de Janeiro, 1988.
- DELFIN NETTO, A. O problema do café no Brasil. IPE/USP. *Ensaios Econômicos*, nº 16. São Paulo, 1981. 359p.
- FINAGEIV, V. Análise econométrica da demanda de exportação de café brasileiro. Universidade Federal de Viçosa. 1976. (Tese de Mestrado).
- GRAAFF, J. de. The economics of coffee. Economics of crops in developing countries No. 1. Pudoc Wageningen, Wageningen, 1986. 294p.
- IBC – Instituto Brasileiro do Café. Ensaios sobre café e desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro, 1973, 578p.
- IBC – Ministério de Indústria e Comércio. Anuário estatístico. Vários anos.

JUNGUITO, R. Política cafeitera y ajuste económico después de Londres. En: **Debates de Coyuntura Económica**. FEDESARROLLO Y FESCOL, Dic. 1989.

INTERNATIONAL Financial Statistics Year Book 1985. International Monetary Fund, 1986.

PIZANO, D. Procesamiento y mercado de café en la República Federal Alemana. Bogotá: Fondo Cultural Cafetero, 1981.

SAYLOR, R.G. & TRENCH de F.C. F. Preço, qualidade e a procura do café. Agricultura em São Paulo. **Boletim Técnico do Instituto de Economia Agrícola**. Ano XXI, Tomo II, p.25-51, 1974.

YAMAGUCHI, L.C. Matrizes de elasticidades de oferta: uma aplicação de técnicas modificadas de regressão de cume. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1982. 53p. Dissertação de Mestrado.